

NATÁRIO, Maria Celeste: *Convivium*, Pontes, Campinas, São Paulo, 2019, 85p.

Segundo explica na “Apresentação” (pp. 7-9), Maria Celeste Natário quis recuperar a velha e recorrente fórmula do convívio na tradição filosófica (Platão, Xenofonte, Ateneu, Plutarco, Juliano, Dante, Erasmo, Kierkegaard, entre outros) para reunir uns breves textos, surgidos do diálogo com colegas brasileiros e portugueses realizado a ambos os lados do Atlântico. Pelo menos, há quatro coisas que devemos anotar da fórmula do convívio: que a filosofia vem depois da satisfação das necessidades, num estado e numa atmosfera de relativo, e compartilhado, bem-estar; que os convivas, sendo diferentes mesmo em estatuto social, são iguais no momento de conversar; que a conversa, propriamente, não tem um início nem um fim, mas que é retomada, e abandonada, a cada momento, segundo a ocasião; que, nas conversas, as ideias fluem, circulam sem se fixar, sem aderir, mas tomando formas repentinas, fugazes, como as formações de algumas aves a voar ora entre nuvens ora no céu limpo. O livro consta de nove capítulos, que têm a sua origem em intervenções públicas orais, desde conferências até tertúlias. Nelas fora posto algum pensamento em circulação, entregue ao diálogo e a controvérsia, que a escrita procura recolher na sua disseminação. Talvez por isso, todos estes escritos têm algo de apresentação e de incisão: combinam o falar em geral, apresentar um tema, com o dizer pontual, incidir numa questão, desembocando constantemente o (fio do) discurso no (novo do) fragmento e retornando aquele (o discurso, o tema), enriquecido por este (o fragmento, as questões).

“Identidade e errância. Um olhar errante entre Agostinho da Silva e Fernando Pessoa” (pp. 11-15) é uma dissertação cujo núcleo é a interpretação

---

Recibido: 04/04/2020. Aceptado: 07/04/2020.

que Agostinho da Silva faz de Pessoa (que será retomada mais adiante, no texto sobre Pessoa) e serve para percorrer alguns pontos álgidos da filosofia de Agostinho da Silva (1906-1994).

“Ser e estar. Fidelino Figueiredo, um percurso luso-brasileiro” (pp. 17-25) é uma apresentação panorâmica da vida e obra deste pensador, que os portugueses consideram brasileiro e os brasileiros português, pois desenvolveu, largamente, o seu magistério em ambas as margens atlânticas. No trabalho vário de Fidelino de Figueiredo (1888-1967), é destacada a reflexão sobre literatura e filosofia e as relações entre ambas. Para os leitores espanhóis, é de interesse também o vínculo deste pensador com Espanha e a sua literatura. Significativamente, é autor dum livro intitulado *As duas Espanhas* (1932).

“Positivismo e Antipositivismo. Um diálogo luso-brasileiro” (pp. 27-35) revisita a incorporação, na segunda metade do século XIX e no começo do século XX, do positivismo no pensamento e a cultura, científica e literária em Brasil e Portugal. O título obedece, não apenas à contestação à filosofia positivista, mas ao próprio movimento interno de aceitação e crítica entre os introdutores do positivismo. Em Brasil, tem protagonismo destacado Tobias Barreto (1839-1889); em Portugal, é lembrado o papel, germinal e medular, da Geração de 70, salientando, entre outros, a figura de Antero de Quental (1842-1891).

“Ortodoxia e heterodoxia. Cultura luso-brasileira” (pp. 37-45) é uma achega conceptual e panorâmica, mas descendo ao concreto português. É sublinhada a dialética entre heterodoxia e ortodoxia, incluída a dependência entre elas, às vezes indiscerníveis. No caso português é representada, historicamente, pelo catolicismo: mas, mesmo sendo ortodoxos têm algo de heterodoxos, entre outros exemplos, Álvaro Pais, bispo de Silves no século XIV e Estevão, bispo de Lisboa no papado de João XXII. Entre os séculos XIX e XX, a heterodoxia é representada pela filosofia da Escola do Porto, sendo revisitadas as figuras, e ideias, de Amorim Viana (1822-1902) e Sampaio Bruno (1857-1915).

“Filosofia e cultura. Uma aproximação a Miguel Reale” (pp. 47-51) é uma indagação sobre a conceção da filosofia de Reale (1910-2006), a partir do seu entendimento da cultura e do conhecimento, acompanhando a sua evolução filosófica (em diálogo com o pensamento de Kant, Scheler, Hartman, Husserl e Merleau-Ponty, entre outros) e destacando na sua proposta filosófica a consideração do ser humano como valor-fonte de todos os valores.

“Filosofia e literatura. Vergílio Ferreira entre a filosofia e a literatura” (pp. 53-65) incide na matriz filosófica do romancista, ensaísta e diarista

Vergílio Ferreira (1916-1996). Nesta intervenção, a estratégia seguida pela autora, depois de apresentar os traços gerais e os passos maiores da obra, é o aprofundamento. Seja na criação literária seja na meditação filosófica, o núcleo de questões, e também de saídas, é fornecido pelo existencialismo: Sartre, Camus, Malraux (o ensaísta, também). Mas, há outras influências e outros diálogos, nomeadamente, os romancistas portugueses Eça de Queirós e Raul Brandão. Natário atende, especialmente, a questão existencial, nuclear em Ferreira. Depois de perfilá-la, na sua formulação filosófica nitidamente existencialista, vai à sua obra literária e escolhe dois romances destacados: *Manhã submersa* (1954), para pôr o problema, e *Aparição* (1959, 1988), para esboçar linhas de fuga, explorando os trilhos abertos e deixados pelo escritor.

“Verso e universo. Fernando Pessoa, um peregrino universalista” (pp. 67-71) contém uma reflexão sobre *Mensagem* (1934), o único livro em português que o poeta publicou em vida e que tem como assunto a história de Portugal, mostrando Natário, com apoio em leituras de Eduardo Lourenço e Agostinho da Silva, a amplitude e o polimorfismo, não apenas da história, mas também de Portugal, no texto de Pessoa (1888-1935).

“Física e metafísica. A física da metafísica e a metafísica da física em Teixeira de Pascoaes” (pp. 73-78) é uma revisitação, alicerçada na noção de metafísica de José Marinho, dos traços maiores, a respeito da imbricação do físico e o metafísico, do poeta-filósofo Teixeira de Pascoaes (1877-1952), lembrando a filosofia do poeta, disseminada nos seus versos, significativamente o poemário *Marânus* (1911), e/ou formulada conceptualmente em *O homem universal* (1937).

“Existência e existencialismo. Diálogos entre Vergílio Ferreira e Eduardo Lourenço” (pp. 79-85) é uma reflexão sobre duas figuras ligadas ao pensamento existencial, Eduardo Lourenço (nascido em 1923), filósofo e ensaísta, e Vergílio Ferreira, romancista e ensaísta, que, além disso, estão interligadas, mantendo os dois autores estreita e profunda relação entre si. Na sua trajetória, Eduardo Lourenço, que dialoga não apenas com pensadores existenciais (Kierkegaard, Nietzsche, Sartre, Camus, Pessoa, entre outros), procurou afastar-se de duas ortodoxias, a católica e marxista, acabando por traçar um caminho singular. Como emblema da relação, a interação, entre Lourenço e Ferreira, Natário escolhe a diferente reação do um e do outro perante o espelho, que serve para refletir cintilações ilustrativas de cada em particular e de ambos em comum.

Este livro, como pode apreciar-se, põe em circulação filosofia contemporânea, portuguesa e brasileira, partilhando uma meditação pessoal que é

um convite ao filosofar, pois, como diz a autora: “Aqui, quem escreve, escreve sempre algo inacabado, esperando compreensão e discussão do leitor conviva” (p. 9).

Luís G. Soto